

**PRIMÓRDIOS DO MUNICÍPIO DE ITABORAÍ: FUNDAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E DECLÍNIO DA
VILA DE SANTO ANTONIO DE SÁ (MACACU OU CACEREBÚ) - SÉCULO XVII.**

Professor Carlos Henrique Machado Rodrigues



Desenho ilustrativo de como seria a Sede da Vila de Santo Antônio de Sá, em 1838.

- 1- Câmara Municipal e a Cadeia Pública
- 2- Capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência
- 3- Igreja Conventual
- 4- Covento de São Boaventura
- 5- Rio Macacu
- 6 - Igreja Matriz de Santo Antônio de Sá

Fonte: GILCIANO (2013, p. 121).

Em 1612, os jesuítas venderam parte do lote de terra recebido a Manoel Fernandes Ozouro. Este fundou uma capela, entre os rios Cacerebú e Guapiassú, e, naquele mesmo ano, dedicaram-na a Santo Antônio. Para o patrimônio da mencionada capela, Ozouro concedeu 350 braças de terras (cada braça equivale 2,2 metros).



Ruínas da Igreja Matriz de Santo Antônio de Sá.
Fonte: COSTA (2013, p. 53).

A fundação da capela possibilitou a formação de um povoado (chamado à época de curato). Consta em escritura lavrada de 1624, que a Igreja Católica recebeu de Ozouro mais 100 braças de terras².

No que se refere à capela, com o decurso do tempo, tornou-se imprópria para a Freguesia que crescia a passos largos. Em 1697, começou a ser construída uma nova ermida, e já em

1704, de acordo com Forte (1980, p. 1), deu-se início à construção de uma torre sineira. No início do século XIX, a outrora capela já se configurava como a Igreja Matriz de Santo Antônio de Sá.

No ano de 1644 o povoado foi elevado, provisoriamente, à categoria de freguesia (chamada à época de Paróquia), sendo confirmada em 1647, com uma extensão que alcançava os limites da freguesia de Santíssima Trindade (atual Cachoeiras de Macacu).

Em 1697, fruto do sucesso de crescimento e de produção, o governador da capitania do Rio de Janeiro chamado Arthur Sá de Menezes elevou a freguesia à categoria de Vila (comparável ao que conhecemos hoje como município). Fora a primeira, no Recôncavo da Guanabara, elevada à tal categoria e a segunda da Província do Rio de Janeiro.

Desse modo, em 1778, a Vila abrangia as freguesias de Santíssima Trindade; Nossa Senhora da Ajuda de Sernambetiba ou Nossa Senhora da Ajuda de Aguapei mirim (hoje Guapimirim); Nossa Senhora da Conceição de Rio Bonito e São João de Itaboraí³.

Advinda do sucesso de povoamento e produção regional, como também de outros territórios, a Vila de Santo Antônio de Sá possuía portos fluviais (como, por exemplo, Porto das Caixas), tornando-se, em conjunto com suas freguesias, um relevante entreposto comercial de onde inúmeras mercadorias eram escoadas pelos rios Macacu e seus afluentes Aldeia e Cacerebú, entre outros.

A Vila possuía uma produção diversificada, o que lhe conferia um certo dinamismo e sobrevida diante das crises periódicas do mercado açucareiro. Nesse sentido, era grande produtora de mandioca

² Idem.

³ Consulte FORTE (1980).

(mercadoria que tinha o maior cultivo, disparado na região) e seu derivado - a farinha -, além de milho, feijão, arroz, aguardente etc. A extração de madeira, assim como as produções do setor ceramista e das olarias, já naquela época, também ganharam destaque.

As mercadorias tinham destinos variados, ou seja, eram destinadas tanto para o mercado interno, sobretudo para a cidade do Rio de Janeiro, quanto para o mercado externo - como era o caso do açúcar, em grande parte. Para o mercado externo também foram utilizadas mercadorias como moedas de troca em praças escravistas da costa africana, como foi o caso da farinha e do aguardente - esse último após meados do século XVII.

Segundo a historiografia tradicional, a Vila de Santo Antônio de Sá começou a entrar em declínio a partir de 1829, sendo de senso comum a ideia - criticada hoje academicamente - de que ela teve sua fragmentação e declínio principalmente atrelados aos surtos epidêmicos de malária que aterrorizaram a região - as chamadas "Febres de Macacu". Hoje, novos estudos - embora não neguem os impactos epidêmicos, principalmente na sede da vila e em locais próximos a charcos e rios - defendem a ideia de que o processo de ruína da Vila antecedeu ao período mencionado, não sendo, portanto, em consequência das febres⁴.

Soma-se ao processo de queda da Vila a questão grave de assoreamento dos rios, dificultando uma atividade crucial que era o transporte fluvial. Desse modo, cada vez mais foi se tornando insustentável o transporte pelos rios regionais devido aos inúmeros bancos de areia que se formavam muito além da capacidade de serem removidos por medidas de cunho administrativo⁵.

Poderíamos também elencar, como ponto de ruína da Vila de Santo Antônio de Sá, as disputas políticas pela hegemonia regional, uma vez que houve uma crescente prosperidade econômica e política da freguesia de São João de Itaboraí - território de grandes engenhos, com escravarias que chegavam a ter mais de 100 cativos, assim como palco de crescimento urbano e de personagens poderosos no cenário político da província do Rio de Janeiro.

A despeito dos debates acadêmicos sobre a questão do declínio, o fato é que toda pujança da Vila de Santo Antônio de Sá ruiu. Em 1875, a Vila foi anexada à recém elevada Vila de São João de Itaboraí. Em 1910, deixou completamente de existir, tornando-se a sua sede, territorialmente, o que é hoje parte do segundo distrito - Porto das Caixas e do quarto distrito - Sambaetiba.

⁴ Ver COSTA (2013, p. 58).

⁵ Idem, p.58-60.

Referências bibliográficas:

COSTA, Gilciano Menezes. "A Escravidão em Itaboraí: Uma Vivência às Margens do Rio Macacu (1833-1875)". Niterói, UFF, 2013.

FORTE, José Matoso Maia. "Vilas Fluminenses Desaparecidas – Santo Antonio de Sá". Rio de Janeiro, Prefeitura Municipal de Itaboraí, 1980.

Ordenações Manuelinas, Livro IV, Título 67, Das Sesmarias. Disponível em: <<http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/manuelinas/14p164.htm>> Acesso em: 09 de agosto de 2013.